

Depleção simbólica e sofrimento narcísico contemporâneo¹

Symbolic depletion and contemporary narcissistic suffering

Marion Minerbo²

Resumo: A autora estuda certos comportamentos compulsivos contemporâneos, relacionando-os ao sofrimento narcísico ligado à depleção simbólica que caracteriza nossa civilização. Diante do desamparo identitário gerado pela fragilidade do símbolo, o sujeito pode lançar mão de dois tipos de comportamentos que apresentam características aditivas: a) os que visam produzir excitação psíquica, tais como o uso de substâncias psicoativas artificiais (as drogas propriamente ditas) ou naturais (as endorfinas); b) os que estão a serviço da construção da identidade a partir de elementos colhidos na cultura, tais como o consumo de *griffes*, o uso jovem da tatuagem e o uso jovem do Orkut. Neste último caso, a identidade se reifica e está fora do espaço psíquico, o que torna “experiência de ser” fugaz, precisando ser continuamente repetida, daí sua dimensão aditiva. Como contraponto, finaliza apresentando um caso de “compulsão pela internet” mostrando de que maneira a própria internet foi usada na sala de análise como instrumento terapêutico.

Abstract: The author examines some contemporary compulsive behaviors, relating them to the narcissistic suffering linked to symbolic depletion that characterizes our civilization. Considering the helplessness of identity generated by the fragility of the symbol, the subject can make use of two types of behavior that have addictive characteristics: a) those that aim to produce emotional arousal, such as the use of artificial psychoactive substances (the drugs themselves) or natural (the endorphins), b) those who are serving to the construction of identity from collected elements from the culture in evidence, such as the consumption of brands, the early use of tattoos and the use of Orkut. In this latter case, the identity is reify and is out of psychic space, which makes "experience to be" fleeting, becoming a continuous repetition, so its additive size. As a counterpoint, the author finishes presenting a case of "Internet compulsion" showing how the Internet itself was used for analysis in the room as a therapeutic instrument.

Palavras-chave: Fragilidade do Símbolo. Desamparo Identitário. Compulsão. Adição. Subjetividade Contemporânea.

Keywords: Fragility of the Symbol. Helplessness of Identity. Compulsion. Addiction. Contemporary Subjectivity.

¹ Conferência apresentada na VIII Jornada Bianual do Contemporâneo: “A Fragilidade do Símbolo: aspectos sociais, subjetivos e clínicos”. Porto Alegre, agosto de 2008.

² Marion Minerbo é psicanalista, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e doutora em medicina pela UNIFESP. Rua Alcides Pertiga, 78. CEP 05413-100. São Paulo, SP. Endereço para correspondência: marion.minerbo@terra.com.br

O termo *depleção* é usado em medicina e significa redução de alguma substância no meio celular, com prejuízo de seu funcionamento. Por exemplo, a depleção de ferro no organismo produz anemia, tendo como consequência uma extrema fraqueza e falta de ar.

Pareceu-me uma boa metáfora para falar do que vem acontecendo com o aparelho psíquico e seu funcionamento no contemporâneo. Temos observado na clínica uma diminuição mais ou menos drástica de um elemento essencial à sua constituição: o símbolo. O sujeito em sofrimento psíquico – sofrimento este relacionado ao prejuízo da função simbólica – acaba fazendo uso de comportamentos sintomáticos para compensar esta situação, procurando manter, tanto quanto possível, sua homeostase narcísica.

Nesse sentido, poderíamos dizer que a depleção simbólica produz uma “anemia psíquica”. Em outro texto (MINERBO, 2008), vimos de que maneira a realidade é convocada a dar sustentação ao símbolo frágil. Traremos aqui dois fragmentos clínicos para ilustrar esta forma de sofrimento psíquico e alguns destes comportamentos defensivos. Vale notar, no entanto, que a forma de subjetividade que se constitui em meio à desnaturação da ordem simbólica, apresenta um modo de ser que se aproxima daquilo que, na patologia, ultrapassou o limiar daquilo que é socialmente esperado. Assim, nosso foco será mais a subjetividade contemporânea e algumas de suas características, do que, propriamente, a patologia.

O termo depleção também me pareceu oportuno porque evoca, como num ato falho, a palavra depressão. É que o estado de vazio existencial, cujo afeto mais característico é o tédio, a apatia (sem pathos, sem paixão) vem sendo descrito – a meu ver equivocadamente – como depressão. Nesta, o afeto característico é a dor e a tristeza pela perda de um objeto significativo. O que vemos na clínica da depleção simbólica é uma pseudo-depressão.

A função simbolizante e suas falhas

A função materna, também chamada função simbolizante, é exercida pelo inconsciente materno (e seus substitutos) e/ou pelas instituições, instituindo laços simbólicos entre significantes e significados, propiciando a experiência subjetiva de “fazer-sentido”. Vejamos o exemplo clássico:

Uma experiência corporal, por exemplo, a fome, é inicialmente vivida como angústia de morte. Digamos, então, que a fome é uma fome-morte, pura intensidade afetiva sem representação psíquica. Quando a mãe exerce a função materna, atribuindo um sentido à experiência – “isto é fome, é desagradável, mas não mata, logo vou dar comida para você” – *a experiência afetiva de fome-morte se transforma na representação mera-fome*, que pode, então, ser integrada ao psiquismo³. Se, ao contrário, a mãe não consegue atribuir nenhum sentido ao choro⁴, o afeto fome-morte persiste tal qual, e não pode ser integrado. Em outras palavras, o sem-sentido – a pura intensidade afetiva – é traumático, e dá origem a um núcleo psicótico, o qual, quando ativado por situações atuais, relança o sujeito na mesma angústia de morte.

É, pois, a função materna, que cria e sustenta as representações mediante as quais o sujeito irá apreender suas experiências emocionais. O processo de subjetivação implica na progressiva internalização de dois elementos:

1. a *função simbolizante*, que permite ao sujeito transformar a fome-morte em mera-fome, desintoxicando a mente da pura intensidade afetiva. Por outro lado, permite-lhe tolerar algum grau de sem-sentido, enquanto aguarda o fazer-sentido;
2. a *representação mera-fome*, que lhe permite relacionar-se com sua experiência.

As falhas da função materna/symbolizante podem ser localizadas (objetos primários inadequados) e/ou generalizadas (tecido social esgarçado, objetos culturais pouco continentais). A forma de subjetividade aí constituída não chegou a internalizar uma função simbolizante suficiente para desintoxicar sua mente de puras intensidades afetivas; nem internalizou representações – *quaisquer que sejam elas: recusamos todo ranço saudosista* – que possam valer como referências identitárias. Vive em estado de depleção simbólica.

³ Há sempre uma dimensão da experiência que não é significada e não é integrada ao psiquismo, fundando o núcleo do inconsciente.

⁴ O inconsciente materno também inocula significantes enigmáticos, no dizer de Laplanche, que ele mesmo não pode significar plenamente. Ou então pode criar representações inadequadas. Por exemplo, pode traduzir o choro do bebê como “tirania”. Apesar de inadequada, esta representação também será internalizada.

A consequência é o desamparo identitário (MUSZKAT, 2006), uma das formas da fragilidade narcísica contemporânea. Este sujeito poderá lidar com o vazio existencial, e pelo tédio originado pela depleção simbólica, de várias maneiras: pela via do transbordamento pulsional (atuações), do desinvestimento pulsional (as pseudo-depressões), e por meio de comportamentos compulsivos. Este último grupo pode ser dividido em dois:

1. Os que recorrem a substâncias psicoativas com o objetivo de minimizar este sofrimento. As substâncias psicoativas podem ser artificiais (produzidas pelo narcotráfico e/ou pela indústria farmacêutica). Ou podem ser substâncias psicoativas naturais (adrenalina e endorfina). Do ponto de vista metapsicológico, estamos no registro econômico;
2. Os que se engajam em comportamentos diversos que estão a serviço da construção da identidade. São as formas contemporâneas de “cuidados de si”. O sujeito toma emprestado da cultura elementos – signos – que são usados como “tijolos” na construção de uma identidade reificada e exteriorizada. Do ponto de vista metapsicológico, estamos no registro das representações.

Obviamente pode haver uma combinação das duas coisas, já que certos comportamentos tanto liberam endorfinas, quanto servem à construção da identidade.

Os comportamentos de que iremos falar – consumismo, uso jovem da tatuagem e do orkut - são típicos da subjetividade contemporânea. Tornam-se patológicos quando não podem ser dispensados. Tais comportamentos são vividos como urgentes, necessários, inadiáveis, compulsivos e repetitivos, motivo pelo qual podem ser chamados de adições. É o caso de Cecília e de Bia, que apresentaremos a seguir.

1. Substâncias psicoativas artificiais e naturais

Cecília é uma mulher de uns 30 anos, solteira, médica, caçula de três irmãos, mora com a mãe. Não conquistou uma autonomia com relação a seu objeto primário.

Sua vida, quando veio à análise, se resumia a namorar um sujeito viciado em cocaína. Quando começou o namoro, dois anos atrás, passou a usar a droga junto com ele. Trancavam-se no apartamento, desligando o telefone durante o fim de semana todo, ou iam a festas onde rolava a droga. Nada mais a interessava. Procurou ajuda quando percebeu que precisava terminar este namoro. Sabia que estava correndo riscos – temia morrer num acidente ou de overdose, – e sabia que era um relacionamento sem futuro. Porém não conseguia dar este passo. Tinha pavor de ficar sozinha.

Do ponto de vista psíquico, ela formava com ele uma mônada narcísica que se bastava. A possibilidade de simbolizar suas experiências emocionais era praticamente nula. Essa função cabia a mim. Começamos a criar uma rede de representações, um repertório mínimo para dar sentido à sua vida emocional. Aos poucos Cecília foi compreendendo a natureza da relação de objeto que estabelecia com o namorado, bem como as angústias que a mantinham neste relacionamento que julgava insatisfatório.

Cecília logo mostrou ser criativa em conceber metáforas que expressassem suas experiências. Estas expressões passavam a fazer parte de nosso léxico em comum.

“A concha”. Criou esta expressão para descrever o estado de isolamento, mas também de aconchego e completude em que vivia com o namorado.

“Babá 24 horas”. Termo que descrevia a percepção de que usava o namorado como objeto cuidador permanentemente disponível, pois podia lhe telefonar a qualquer hora do dia ou da noite. A relação era de dependência.

“Natal” – esperava o fim de semana como uma criança espera o Natal. Vivia para o fim de semana, quando encontraria o pacote namorado-cocaína.

“Ser como a Hebe Camargo; ir para Ibiza de helicóptero e encontrar a Angélica”. O sentido da existência era viver neste estado de exaltação maníaca. Ou concha, ou Ibiza. Fora disso, o tédio.

“Ouvir Betânia sozinha no fim do domingo”. Representação da angústia de separação e do abismo depressivo ao qual seria remetida sem o namorado.

A experiência de depleção simbólica, de falta de sustentação interna para sua identidade, pode ser apreendida a partir do seguinte fragmento. Desde a sexta estivera em situações excitantes com o namorado. No domingo havia visitado toda a família e almoçado com eles. Agora está na casa da mãe e são cinco horas da tarde. É a hora do “bode”. Quando dá por si, foi “dar um tiro”. Já em sessão, me pergunta por que fez isso.

Pudemos reconstruir a experiência emocional que antecedeu este momento. Não tinha a menor idéia de como preencher este tempo, entre as cinco horas e à hora de ir dormir, tempo em que ficaria sozinha. Nomeamos o afeto que tomou conta dela: tédio. Vimos que era uma angústia difusa, um vazio, uma depressão, como se diante dela houvesse um abismo no qual iria despencar se não se agarrasse rapidamente a alguma coisa. A droga entrou neste momento para cortar o “bode”, impedindo que continuasse experimentando o sentimento penoso de falta de sentido para sua existência.

Assim que Cecília se sentiu sustentada pela análise, terminou o namoro. Surgiu, com toda força, a percepção de sua falta de autonomia.

Outros comportamentos podem ser usados com o mesmo efeito excitante que as substâncias psicoativas propriamente ditas, pois, segundo os próprios sujeitos, liberam endorfinas ou adrenalina.

Os viciados em sexo, em malhar, em correr, agarram-se a elementos sensoriais intensos cuja função é conter a angústia. De quebra, há a dimensão de construção da identidade: representam-se como potentes. “sarados”, etc.

A fome, na anoréxica, e a dor, nos pacientes que se cortam, também são elementos sensoriais em torno dos quais se produz uma unificação da representação do corpo, atenuando a angústia de fragmentação.

Os esportes radicais e várias formas de violência gratuita (especialmente entre adolescentes) produzem “adrenalina”, droga natural que anestesia o tédio, que é um afeto particularmente penoso.

Em todos estes casos, como o alívio é temporário, há necessidade contínua de novas doses, donde sua dimensão aditiva.

Anunciamos acima outra maneira que a subjetividade contemporânea tem de lidar com o sofrimento ligado à depleção simbólica e o conseqüente vazio identitário. É a construção da identidade a partir de elementos externos.

A construção da identidade

Como vimos, o sujeito contemporâneo tem de se constituir em meio a laços simbólicos frouxos, o que dificulta a internalização de referências identitárias estáveis e produz identificações pouco consistentes. Por outro lado, esta mesma fragilidade lhe

oferece a possibilidade de “ser autor” de sua identidade. Ele pode escolher quem deseja ser, o que constitui uma forma inédita de protagonismo e de cuidado de si.

A subjetividade moderna, ao contrário, sente que é produto de seu meio. O sujeito escolhe lugares, livros, filmes, roupas, a partir de quem “ele é”. Há uma experiência subjetiva de possuir uma identidade clara, vivida como interioridade, que usa a cultura para se expressar. É um movimento “de dentro para fora”. É a identidade que determina o estilo de vida.

A subjetividade pós-moderna tem outra sensibilidade: é o estilo de vida que determina a identidade. É um movimento “de fora para dentro”. A experiência de ser não provém da interioridade, mas da construção da identidade a partir dos “tijolos” – dos elementos, dos signos – produzidos e oferecidos pela sociedade de consumo. Até o próprio corpo pode ser comprado. É uma identidade reificada.

Assim, ele compra as roupas da griffe x e frequenta os lugares y para “ter a experiência” de ser x e y. Na realidade, é um simulacro de experiência, e por isso não chega a ser internalizada. A identificação é epidérmica. Este simulacro de experiência de ser é fugaz e se consome rapidamente, como um cigarro, precisando ser renovada. É a dimensão aditiva da construção da identidade. Rolnik (1997) criou o termo “toxicômanos da identidade” para descrever esta forma de subjetividade. Nesta linha, veremos a compulsão a comprar, o uso jovem da tatuagem e, principalmente, o uso jovem do Orkut. Naturalmente, cada uma tem sua especificidade. Nosso interesse aqui é recortar o que elas têm em comum.

A compulsão a comprar

Bia, uma mulher de uns 30 anos, casada, dona de casa, é uma *borderline* que atendi no fim dos anos 80. Seu funcionamento psíquico era bastante típico destas estruturas. Apresentava uma extrema fragilidade narcísica, que se manifestava por sua maneira de apreender o mundo: ou as pessoas estavam tentando humilhá-la, ou era ela que desprezava os menos favorecidos. Dizia coisas como “ela não me tratou com o respeito devido a uma senhora de minha condição social”. Sentia-se perseguida pelo que denominamos “a sarjeta”: a condição de quem não é ninguém, não vale nada, e por isso pode ser humilhado.

Como antídoto à sarjeta, buscava tudo o que representasse status social. Sua maneira de se expressar era peculiar. Bia não ia ao açougue: ia ao Wessel. Não levava o carro ao mecânico, mas à Carraigá Veículos. Não comprava roupas, ia à Pakalolo, na época uma marca famosa. Seu discurso era pontilhado de nomes de prestígio. Naquela época as mercadorias estavam começando a valer por suas griffes. Por fim, freqüentava a Daslu, uma boutique de alto luxo, nem que fosse para comprar uma camisetinha. O importante era fazer parte do clube. Tornou-se uma compradora compulsiva. O marido tentava controlá-la, o que desencadeava reações violentas. Ela me dizia: “uma mulher que não pode comprar não é nada”. “Ele quer me impedir de respirar”. De fato, seu narcisismo dependia disto como do ar que respirava.

Certa vez, num farol um ladrão tentou roubar seu relógio Rolex. Engalfinhou-se com ele, sem noção do risco que corria, até conseguir o relógio de volta. Esse comportamento, ao contrário do que pode parecer ao senso comum, fazia todo o sentido: sem o Rolex ela não era ninguém. O relógio era sua identidade reificada.

As *griffes* tinham o poder de lhe dizer quem ela era e quanto valia. A dimensão de construção da identidade é evidente. Mas o próprio *ato de comprar* era excitante, como se fosse uma droga. Ela experimentava um estado de euforia narcísica por se perceber tendo o poder de comprar na Daslu; ao comprar ela tinha a experiência real e concreta, embora fugaz, de ter uma inserção social privilegiada.

Para esta paciente borderline, não apenas consumir, mas consumir *griffes*, era uma questão de vida ou morte. Era isso que tornava o seu comportamento patológico. Caso contrário, a griffe – e tudo hoje em dia pode ser lido desta perspectiva⁵ – faz parte da subjetividade contemporânea.

O uso jovem da tatuagem

A tatuagem pode ser vista, assim como o consumo da *griffe*, como uma forma de construção e de exteriorização da identidade. O sujeito pode ter a experiência de si ao olhar para a pele. A identidade está, literalmente, à flor da pele.

Nesse sentido, é diferente da experiência do sujeito moderno. Neste, um elemento constitutivo da identidade é “publicado” na pele. O nazista tatua uma suástica

⁵ Para um jovem de baixo poder aquisitivo, um sanduíche do Mac Donalds é uma griffe. Um intelectual tentará publicar seu trabalho na revista de maior prestígio em sua área, o que não deixa de ser uma griffe.

no peito porque é, efetivamente, nazista: pertence ao partido, partilha as idéias e os ideais da instituição. Ele não se sente nazista porque tatua a suástica. Há uma instituição forte por trás deste ritual.

A tatuagem pós-moderna tem outra dinâmica. É quase uma escolha existencial. Ele pode escolher alguma figura pronta num mostruário, ou pode encomendar algo personalizado. Pode ser uma figura, ou uma palavra, uma frase. Em português ou em japonês. Algo que simbolize alguma coisa, ou uma figura decorativa. Colorido, ou preto e branco. Há, ainda, a escolha do lugar do corpo a ser tatuado. É muito diferente tatuar um grande dragão no bíceps, ou uma discreta borboleta na nuca. Há estéticas diferentes, que veiculam visões de mundo distintas. Cada uma destas escolhas diz quem é o sujeito, confirma que ele é autor de sua identidade, e a publica para o mundo.

Há um aspecto que parece ser comum ao uso jovem da tatuagem: sua multiplicação. É como se ela tivesse prazo de validade, pois uma primeira tatuagem acaba sendo seguida por várias outras. Pois esta forma de construção de si, como qualquer outra que produza identidades epidérmicas, é efêmera, embora a tatuagem seja permanente. A pele é o elemento da realidade que foi convocado a dar sustentação às representações da identidade, reificada e exteriorizada.

O uso jovem do Orkut

As considerações que se seguem estão amplamente baseadas nas pesquisas realizadas por Maria Isabel Mendes de Almeida & Fernanda Eugenio, e por Fernanda Passarelli Hamann & Solange Jobim e Souza. O Orkut se presta a muitos usos, porém farei um recorte focalizando apenas a dimensão de construção da identidade.

O Orkut é um site que oferece ferramentas para criar e manter uma rede de amigos online. O internauta inicia o processo de construção de seu perfil, com os seus dados, seus gostos e interesses, seus amigos, e as comunidades virtuais a que pertence. Nesse sentido, a identidade está tatuada na tela.

1. As comunidades

O sujeito escolhe as comunidades às quais deseja pertencer, não necessariamente para discutir temas, mas para publicar seus interesses e idiosincrasias.

Pertencer a uma comunidade é fazer uma “proclamação instantânea do self”: amo isto, odeio aquilo. Elas funcionam como peças para que o sujeito componha um “mosaico virtual da identidade”.

Aspectos *contraditórios e conflitantes* podem ser contemplados: alguém pode pertencer à comunidade “O Massacre da Serra Elétrica”, e, ao mesmo tempo, à comunidade “Não Vivo Sem Meditar”.

Identidades *complexas, paradoxais, e originais* também podem ser compostas. O sujeito pode pertencer à comunidade dos “Viciados em Comunidades do Orkut”; “Eu Odeio o Orkut”; “Menti o Meu Perfil no Orkut”; “Menti para Entrar na Comunidade Menti o Meu Perfil no Orkut”.

2. A rede social

Ter muitos amigos sempre foi vital para os adolescentes. A novidade é que, com o Orkut, a rede de amigos *se presentifica* no espaço virtual como uma maquete, e que a *experiência subjetiva de “amizade”* se reifica: o sujeito tem a experiência de ter amigos e de ser querido *na medida em que sua página assim o mostra*.

Os amigos – e quanto mais amigos, mais popular é o sujeito – deixam mensagens de afeto, elogios, comentários positivos sobre as realizações: viagens, namoros, festas, fotos. As mensagens ficam expostas. O programa avisa os amigos que naquele dia fulano faz aniversário, de modo que ele recebe centenas de cumprimentos carinhosos e de admiração. É importante que a página do orkutiano seja muito freqüentada: uma página sem mensagens é um golpe no narcisismo. De fato, há um contrato narcísico recíproco que fica implícito: eu elogio você, e você me elogia.

3. A reificação das experiências subjetivas

A modalidade de comunicação é eminentemente fática, isto é, composta por *comentários-ruído*: há uma repetição de expressões, interjeições, ícones, risos, e muitos pontos de exclamação. Sua função é alimentar continuamente a rede de sociabilidade, mantendo-a permanentemente em funcionamento, reiterando-se o pertencimento a ela. *A experiência subjetiva de pertencimento também está reificada*. Para que ela se sustente internamente, é necessário que ela seja sustentada ao mesmo tempo de modo concreto no espaço externo. No MSN, o sujeito nunca está sozinho, pois o programa avisa quem está online e disponível para conversar.

“Se não tem foto, não aconteceu”. Essa frase nos mostra que o registro da diversão é parte importante da diversão. A experiência subjetiva de estar aproveitando a balada ou a viagem depende de elementos concretos.

4. A identidade prestigiosa

O Orkut permite a construção de si como *celebridade*, na medida em que funcionam como colunas sociais personalizadas. A exposição da privacidade em depoimentos e fotos se assemelha à estética de revistas do tipo *Caras*. Nela, o sujeito é retratado em festas, viagens, se divertindo muito com os amigos, ou simplesmente em poses bonitas e interessantes. Ser visto é essencial.

Flavia Di Luccio e Ana Maria Nicolaci-da-Costa fizeram uma pesquisa com escritores de blogs (“Escritores de Blogs: Interagindo com os Leitores ou Apenas Ouvindo Ecos?”, 2007). Todos os entrevistados afirmam a importância de poderem escrever e publicar sem estarem sujeitos a limites e censuras de intermediários. E afirmam também que a interação com o leitor é fundamental. No entanto, uma análise das entrelinhas do discurso manifesto sugere que o escritor busca um lugar para a exposição da identidade, e espera que aquele que comenta seu texto funcione como um espelho para o próprio narcisismo. No fundo não há propriamente um diálogo. O escritor de blog raramente dá continuidade ao comentário que foi feito. E não gosta de receber críticas. Uma das pesquisadas sugeriu que se trata da prática de um “umbiguismo generalizado”.

Tudo o que foi exposto não faz parte, necessariamente, do campo da patologia. Ao contrário, é parte da subjetividade contemporânea. Inclusive pode ter efeitos terapêuticos, como veremos no caso de Mario. O diagnóstico diferencial fica por conta da metapsicologia. O objeto – o amigo que entra diariamente na página do orkut/blog deixando mensagens elogiosas – faz duas funções importantes no processo de subjetivação. Por um lado, tem a função de *espelhamento/reconhecimento* (Figueiredo, 2007) dos aspectos grandiosos do self. Por outro, exerce a função de *sustentação/holding* do eu na medida em que não permite que a página ou o blog fiquem em branco, o que produziria uma angústia do tipo “queda no abismo”.

O uso terapêutico da internet

Mário é um garoto de 14 anos cuja vida está restrita à escola e ao computador. O pai acha que o filho está viciado em internet, parece ter trocado a vida real pela virtual. Percebi que computador representava o único investimento pulsional ainda presente na vida de Mario. Era também o lugar mínimo da autonomia possível diante de um pai violento e controlador, já que este nada entendia de computadores. Na primeira sessão ele me pergunta se pode mexer no meu computador. Percebi que esta análise teria de se dar por aí. O material clínico é praticamente auto-evidente.

Nos primeiros tempos o computador funcionou como caixa de ludo. Jogávamos *The Sims*. Ele criava mansões grandiosas, que representavam o ego ideal, e pessoas cujas vidas podiam controlar, como seu pai fazia com ele.

Depois começou a entrar na internet. Ele era um apaixonado pelo *hardware*, as peças que compõem o computador. Visitávamos juntos todos os *sites* sobre *hardware* que conhecia, e ele me mostrava as peças com as quais planejava fazer um *upgrade* do seu computador. Ele realizava este *upgrade* simbolicamente durante a sessão: entrava nas lojas virtuais com seu carrinho de compras e ia montando seu novo computador. Às vezes montava o computador dos seus sonhos e calculava seu custo. Outras vezes, partia de um orçamento fixo, o dinheiro que tinha na poupança, e tinha que optar pelas peças e funções que mais lhe interessavam.

Paralelamente, ele freqüentava (sempre através do meu computador) um fórum de aficionados por *hardware*, usando o *nickname* de Inseto. Inseto: representação de sua insignificância, do ponto de vista das identificações masculinas. Pois, comparado com os computadores dos outros freqüentadores do fórum, o seu computador, ainda à espera de um *upgrade*, “era muito pequeno”.

Pela primeira vez, graças ao fórum, surgem *outras pessoas* na cena analítica. Pessoas que o valorizavam, que valorizavam seus conhecimentos. Ele chegou a ser coordenador do fórum, o que teve grande importância para ele. Conheceu no fórum um rapaz com a idade aproximada de seu pai, com quem desenvolveu uma transferência paterna afetuosa.

Do fórum, passamos ao ICQ. Durante a sessão ele conversa em tempo real com os amigos que fez no fórum. Deixa de ser *Inseto* e passa a usar um *nick* mais bem-humorado. Já com 17 anos ele começou a usar a internet de outra maneira. Baixava músicas e *videoclips*, que comentávamos juntos, pois suas escolhas sempre falavam de

si. Graças ao espaço cultural encontrado na internet, do qual se apropriou no campo transferencial, Mario pôde prosseguir processo de subjetivação.

Concluindo, o desamparo identitário relacionado à depleção simbólica é aliviado por comportamentos que lembram adições e que, até certo ponto, fazem parte da subjetividade contemporânea. Podem se tornar patológicos quando não podem ser dispensados, sob pena de lançar o sujeito em angústias arcaicas. Estes comportamentos são, essencialmente, de dois tipos: o uso de drogas artificiais e naturais, que aliviam a angústia e o tédio, e as várias formas de construção de uma identidade reificada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil, In: COSTA, Nicolaci da (Org.). **Cabeças Digitais**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

DI LUCCIO, F.; Costa, Nicolaci. Escritores de blogs: interagindo com os leitores ou apenas ouvindo ecos? In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 27, n. 4, P. 664-679, 2007.

FIGUEIREDO, L.C. A metapsicologia do cuidado. In: **Psychê**, São Paulo, v. 21, P. 13-30, 2007.

HAMANN, F. P.; JOBIM E SOUZA, F. Os jovens e o Orkut: considerações sobre a criação de jogos de linguagem e de identidade em rede. In: COSTA, Nicolaci da (Org.). **Cabeças Digitais**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

MINERBO, M. **Estratégias de Investigação em Psicanálise**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2000.

_____. Formar um Psicanalista Criativo. IN: **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 69, P. 179-196, 2005.

_____. A lógica da corrupção: um olhar psicanalítico. **Revista Novos Estudos (CEBRAP)**, São Paulo, v. 79, P.139-150, 2007.

_____. **A Fragilidade do Símbolo**: aspectos sociais e subjetivos. [Texto não publicado], 2008.

MUSZKAT, S. **Violência e masculinidade**: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero. São Paulo: USP, 2006. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo - USP, 2006.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, P.19-24, 1997.

SIBILIA, P. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.